

XXV Congresso de Iniciação Científica da Unicamp

18 a 20 Outubro Campinas | Brasil



CRESCIMENTO E INOVAÇÃO: EVOLUÇÃO DA ESTRUTURA PRODUTIVA DA INDÚSTRIA DE TRANSFORMAÇÃO BRASILEIRA.

Steffani D. P. Mendes*, Grazielli A. Reis, Erik L. Munhoz, Ivette Luna, Luís Abel da S. Filho, Elias Y. H. Netto

Resumo

O projeto teve como objetivo analisar a indústria de manufatura brasileira. A análise foi realizada utilizando os dados públicos da Pesquisa Industrial Anual (PIA), trabalhando com informações anuais e setoriais, considerando também a análise por tamanho de empresas. Por meio da análise descritiva, os resultados mostram a evolução geral do desempenho dos diferentes setores da manufatura no período de 2007 a 2014. Nota-se que as grandes empresas detêm a maior parte da receita total da indústria de transformação; já as pequenas empresas contribuem com cerca de 10% do total de empresas da seção. Além disso, se observa uma grande heterogeneidade nas taxas de crescimento, níveis de produtividade e geração de valor adicionado. De forma geral, não houve ganho significativo de produtividade.

Palavras-chave: produtividade, crescimento econômico, estrutura produtiva.

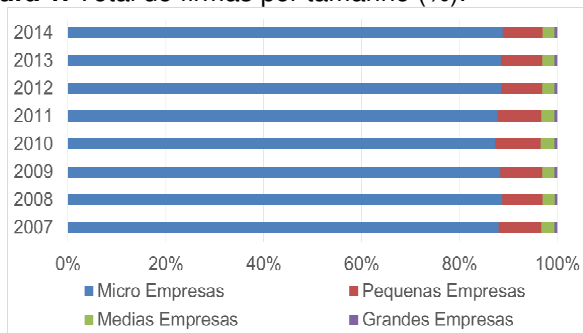
Introdução

Em 2007, a indústria de manufatura brasileira é responsável em média por aproximadamente 18% do PIB¹. Por outro lado, ganhos de produtividade da economia são importantes para um crescimento sustentável no longo prazo². Este trabalho analisa o desempenho da indústria de manufatura brasileira para o período de 2007 a 2014. Foram utilizadas as pesquisas industriais anuais (PIA) de 2007 a 2014, divulgadas pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). As taxas anuais de crescimento, a produtividade das firmas e o valor da transformação industrial (VTI) foram analisadas como *proxies* de desempenho. As análises foram feitas de forma agregada, por tamanho de firma (medido pelo total de pessoas ocupadas, PO) e por setor a 2 dígitos da Classificação Nacional por Atividade Econômica (CNAE 2.0).

Resultados e Discussão

A Figura 1 mostra que as grandes empresas representam uma parcela pequena do total de empresas (0,579%), ao contrário das microempresas que representam em média 89% do total para qualquer ano. As grandes empresas são as que têm a maior participação no total de VTI. Por outro lado, as micro e pequenas empresas, foram as que apresentaram maiores taxas médias anuais de crescimento. Embora as grandes empresas se mostrem mais produtivas, foram as micro e pequenas empresas que apresentaram ganhos de produtividade. Contudo, no agregado, não houve ganhos expressivos.

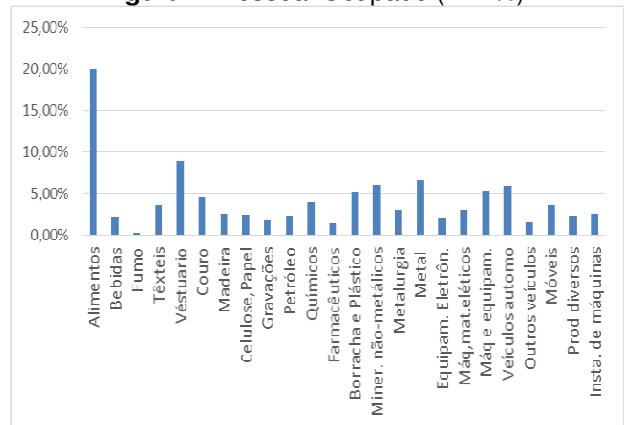
Figura 1. Total de firmas por tamanho (%).



A Figura 2 mostra que o setor de fabricação de “produtos alimentícios” contribui com maior PO (20,12%), seguido

pelo setor de “confeção de artigos de vestuários e acessórios” (8,91%). Em 2014, o setor de farmacêutico e o de bebidas tiveram as maiores taxas médias de crescimento. O setor de petróleo em média, apresentou uma maior produtividade.

Figura 2. Pessoal Ocupado (Em %).



Conclusões

A partir da nossa pesquisa, é perceptível que as grandes empresas dominam quando se trata de receita e VTI, porém com número de empresas pouco representativo. As grandes empresas detêm em média 40% do PO da indústria, nível equivalente ao das micro e pequenas empresas juntas. Conclui-se que as micro e pequenas empresas mesmo não tendo uma grande participação na receita e nem no VTI da indústria, contribuem significativamente com a geração de emprego. Finalmente, os resultados mostram a expressiva heterogeneidade persistente na manufatura.

Agradecimentos

Os autores agradecem ao CNPq pelo auxílio financeiro.

¹ RABELO, M. L. A indústria brasileira e as evidências da desindustrialização: uma análise das variáveis determinantes do atual quadro do setor industrial no Brasil. Brasília, 2015. Disponível em: <http://bdm.unb.br/bitstream/10483/10748/1/2015_MarianaLaraRabelo.pdf>. Acesso em: 28 jun. 2017.

² DE NEGRI, F.; OLIVEIRA, J. M. D. O desafio da produtividade na visão das empresas. *Radar: tecnologia, produção e comércio exterior*, Brasília, n. 31, 2014.